

COMO UMA PSICÓLOGA, SE TORNOU SEXÓLOGA

Entrevista com a Professora *Maria do Carmo de Andrade Silva*

AS A PSYCHOLOGIST BECAME SEXOLOGY

Por *Paulo Canella*

Maria do Carmo Andrade Silva é Psicóloga, Sexóloga e tem uma trajetória das mais importantes na sexologia brasileira. Esteve desde o princípio participando da estruturação dos movimentos que resultaram na criação da SBRASH. É Mestre doutora em psicologia e Livre Docente em Sexualidade Humana de Sexologia pela UGF, foi presidente da SBRASH em 1999-2001, ocupou inúmeros cargos na diretoria da Sociedade, organizou inúmeros eventos em especial o IX Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana no Rio de Janeiro em 2003. Coordenou o Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho de 1994 até a sua desativação em 2004. É autora de mais de uma centena de trabalhos em sexualidade humana e foi responsável na área de Psicologia pelo Ambulatório de Sexologia da Divisão de Reprodução Humana do Instituto de Ginecologia da UFRJ de 1994 - 2007. Atualmente é Prof^a. de Sexologia do Curso de Medicina da UGF e Coordena o Ambulatório de Sexologia e Psicossomática do Hospital Municipal da Piedade/UGF.

Como você, psicóloga, se tornou sexóloga?

Trabalhando desde o início de minha formação em Psicologia – 1975, com Terapia Cognitivo-Comportamental, os problemas sexuais já surgiam como queixas clínicas e eram relatados na literatura nesta área, daí meu interesse pelas dificuldades enfrentadas pelas pessoas com esse tipo de problema. Assim, em função de melhorar meus conhecimentos na área da sexologia, que nesta época, era praticamente inexistente nas Instituições Acadêmicas de nosso país, cursei meu Mestrado com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento e foquei em desenvolvimento da Identidade e, em 1983 concluí meu trabalho, produzindo uma dissertação sobre Desenvolvimento da Identidade Sócio-sexual. Em 1992 fiz um Concurso de Livre Docência em Psicologia e mais uma vez foquei em Sexualidade, com Tese sobre, Sexualidade e Direito ao Prazer: um estudo sobre a identidade da mulher.

Como o Mestrado em Sexologia da UGF foi criado e desativado?

Como minha trajetória profissional acadêmica esteve muito vinculada à Universidade Gama Filho, já durante minha graduação de 1970 -1975, existia para o ano de formação profissional, uma disciplina de Terapia Cognitivo Comportamental, nesta época ministrada pelo Prof.

Araguari Chalar, onde a temática sexual já estava presente, daí meu primeiro interesse, na área e posteriormente no próprio. Mais adiante me tornei Prof^a. da casa e pelo interesse cada vez maior dos alunos no tema da sexualidade humana, solicitaram e foi aprovado em 1986, um Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Sexualidade Humana por mim coordenado e do qual fizeram parte boa parte dos fundadores da SBRASH, tais como você, Paulo Canella, Jean Claud Nahoum, Araguari Chalar, Jorge Serapião e outros. Tal Curso desde então funcionou até 1993, quando pensamos e Araguari organizou e enviou para aprovação o Projeto de Mestrado em Sexologia, posteriormente aprovado pela CAPES para funcionamento em 1994, quando realmente teve seu início. Infelizmente nestes últimos anos tivemos duas grandes perdas, Jean e Araguari se foram e tivemos que tocar nosso projeto, sem a presença física de dois grandes incentivadores disso tudo. Assim fizemos, incorporamos outros como Marize Jourberg, Maria Luiza Macedo, Márcio Shiavo, Pedro Jourberg e nosso Mestrado viveu grandes momentos durante seus 10 anos de funcionamento. Anos em que produzimos a Revista do Curso - *Scientia Sexualis de 1995 à 2002*¹, quando no final deste ano tivemos a notícia de que o Curso começaria a ser desativado, 9 Encontros Científicos a que chamávamos de Fórum do Mestrado, sempre com vários convidados de outras Instituições e Estados, os alunos e seus orientadores, produziram mais de 100 Dissertações e com muito orgulho vimos nossos filhotes, mestrandos desse Curso, implementarem disciplinas de Sexologia em outras Universidades, Cursos de Pós Graduação *Lato Sensu*, Projetos de Educação em diversas Instituições, escreverem Livros e artigos em Revistas e, alguns posteriormente partiram para seus doutorados. Porém por sérias dificuldades financeiras da UGF que o sediava, infelizmente foi desativado em 2005.

O que você tem a dizer de sua experiência com o Ambulatório de Sexologia da Divisão de Reprodução Humana do Instituto de Ginecologia da UFRJ?

Nossa experiência neste Ambulatório foi riquíssima. O convênio do Curso de Mestrado da UGF com o Instituto de Ginecologia da UFRJ, fez florescer ainda mais, nosso espírito de equipe multi e interdisciplinar que a Sexologia exige. Acredito que muitos dos trabalhos clínicos que esta parceria nos possibilitou, enriqueceram e muito nosso próprio conhecimento, assim como dos alunos, médicos e psicólogos, que trabalhando juntos, participaram destes 12 anos de atendimento e trabalhos de pesquisa. Se você lembra, foi por essa parceria, e pela experiência

¹ Índices da “Scientia Sexualis” e resumo de toas as teses do mestrado estão a disposição do sócios na área restrita do portal WWW.sbrash.org.br (nota do entrevistador)

com outros tipos de problemas orgânicos de má formação genital, que já tínhamos nos casos do Instituto, que pudemos implementar em 1998 o Projeto Experimental de Gênero e Transgenitalização, assim como realizarmos as primeiras cirurgias desse porte, no Rio de Janeiro, com o auxílio do cirurgião plástico Dr. Jalma Jurado em 1999. Tenho certeza que todos nós aprendemos muito uns com os outros, com a forma de trabalho interdisciplinar. Tudo isso só deixa muita saudade.

Masters e Johnson ainda tem influencia na sexologia nos dias de hoje?

Acredito que assim como Freud na Psicologia, a referência aos grandes desbravadores e iniciadores de novas formas de pensar e atuar, nunca pode ficar esquecida. O trabalho deles foi amplo, contínuo e crescente, até bem pouco tempo, possibilitando a outros acrescentar e desenvolver novas facetas à área da sexualidade e das relações interpessoais.

Diz-se que a ejaculação precoce é a disfunção masculina mais frequente nos dias de hoje, é verdade? por que?

Pela pesquisa da Carmita de 2002, com população não clínica, se considerados todos os graus de leve, moderada e severa é isso que se conclui (56,8%) enquanto disfunção erétil (46%). Dos últimos levantamentos que fizemos no Ambulatório de Sexologia do Instituto de 1996 até 2008, em população clínica a ejaculação precoce foi queixa em (24,5%) dos casos, enquanto a disfunção erétil em (26%); no entanto a associação entre as duas foi de (49%). Claro que a necessidade de satisfazer a parceira, preocupação não muito antiga, é fator de maior preocupação e, propiciam maior incidência de queixa, por parte deles e delas em relação a eles. Além de que as medicações atuais, para as falhas de ereção, tem sido eficientes ao que se propõem e estão bastante em moda e uso. O fato é que para os homens que tem ejaculação precoce como consequência de medo de falha erétil, isto fica assegurado, porém para os que não têm problemas de ereção e só se queixam de descontrole ejaculatório, o problema permanece, só proporcionando a possibilidade de uma segunda vez, garantida pela segurança da ereção medicamentosa. Só restando para os que têm descontrole ejaculatório os antidepressivos, com seus efeitos colaterais de retardo da ejaculação, o horror dos anestésicos locais e o álcool, processos que não têm propiciado muita eficácia e trazem outros efeitos não muito desejados.

Qual o papel que a família tem hoje nas disfunções sexuais?

Muitas vezes pensamos, que todos já vivem em famílias onde a sexualidade é percebida e vivenciada de forma liberal, no entanto, ainda preceitos religiosos e morais persistem em alguns grupos, impondo como antes, uma série de restrições e ameaças de desagrado a Deus, ou as normas do amor familiar, no que se refere à expressão sexual. Processos que temos acesso, através das queixas clínicas, que nos chegam ao consultório. Quando problemas como: anorgasmia, inibição de desejo, vaginismo, dispareunia, descontrole ejaculatório e ou falhas de ereção, encontram ancoras em uma criação, em que sexo foi internalizado como algo inferior, ameaçador, ou mesmo em preceitos religiosos e morais, que vinculam sexo a pecado e imoralidade. Por outro lado, em função da exacerbada e explícita produção das mídias, no que se refere ao sexo propriamente dito e da frágil presença participativa da família; muitas vezes crianças e jovens adolescentes, têm sido expostos às mais variadas temáticas, sem qualquer esclarecimento ou reflexão crítica de seu conteúdo. Por vezes, a família com a sobrecarga de afazeres que têm hoje, não toma conhecimento do que seus filhos fazem, vem ou interagem pela internet. Processo que pode propiciar possibilidades de risco, para jovens sem apoio, educação e esclarecimentos, quanto à expressão sexual saudável e prazerosa.

Qual o papel da SBRASH no ensino da sexualidade?

Penso que o propósito inicial que tivemos quando da criação desta Sociedade em 1986, foi o de através da congregação de alguns membros iniciais, crescer e promover a difusão de conhecimento na área, e principalmente, propiciar a possibilidade de reflexão crítica, sobre os conteúdos referentes à sexualidade humana. Já nesta época, pensávamos uma visão multidisciplinar, como algo necessário ao entendimento da sexualidade e suas problemáticas. Assim nos dirigimos aos diversos profissionais principalmente (médicos, psicólogos e educadores), dos diferentes estados, com o propósito de dividir e somar experiências na área.

Como anda a pesquisa em sexologia?

Os estudos e pesquisas em sexologia parecem oscilar ao vento. Ora tomam um rumo reprodutivo, ora do prazer, ora são problemas genéticos, hormonais, medicamentosos; ora ambientais, sociais, culturais e ou psicológicos. Como se somente uma das vertentes científicas pudesse englobar toda a dinâmica que a sexualidade impõe. No momento parece que estamos vivendo um momento mais medicalizado, onde pela urgência resolutiva do mundo acelerado em que vivemos; as

soluções mais imediatas, mesmo que resolvam só a parte do icebergue à mostra, são bem vindas e usadas. O que para alguns resolve, porém para outros, as tormentas são mais amplas e continuam alfinetando. Como em muitas áreas, as pesquisas de ponta em sexologia, também não estão presentes em nosso país. São processos longos e caros. Na maioria das vezes, ficamos com os estudos restritos a pequenas amostras de conveniência, ou até mesmo grandes amostras, porém sem envolvimento de equipamentos de ponta e, pessoal especializado - processos mais caros e de longo curso. Ainda distantes de nossa realidade cotidiana.

Como você vê o futuro da SBRASH?

Não sei. Gostaria de dizer algo entusiasmado, mas acho que não estou em um momento muito otimista quanto ao estudo, o trabalho e a pesquisa levada a sério, no que se refere à sexualidade em nosso meio. Penso que educação e saúde sexual, só têm servido aos discursos e textos políticos, pois na hora de fazer acontecer, aí tudo fica difícil.

Você pode dizer alguma coisa sobre seu parceiro, o prof Araguari Chalar Silva que perdemos precocemente?

Como não podia deixar de acontecer em uma entrevista comigo, sobre Sexualidade e SBRASH, o nome dele já apareceu em uma de suas perguntas anteriores. Araguari foi alguém muito especial, na minha vida pessoal e profissional, mas acho que não só para mim, como para muitas outras pessoas e para a Sexologia em nosso país. Alguém inteligente, simpático, carismático, focado e apaixonado pelo que fazia na clínica e como Prof. de (psicologia, sexualidade e relações de casais). Se empenhou muito pelo desenvolvimento da temática sexual na SBRASH, na Revista Sexus, na organização de encontros, artigos e Congressos da área, na academia e na clínica. Não só no particular como no social, quando do trabalho com você, lá no Moncorvo. Acho que deste 1986 não é? Onde vocês também tinham um curso de especialização e prática clínica na área. Que depois por associação comigo, virou a Pós Lato Sensu em Sexualidade Humana da Gama e, posteriormente o Mestrado em Sexologia. Processo que se deu progressivo, após Araguari ter terminado seu Mestrado na FGV, com foco em Sexualidade e posteriormente seu doutorado em São Francisco onde foi buscar mais suporte teórico na área e titulação específica na temática sexual. Nesta época, já haviam loucas ruminções especialmente dele e do Jean, quanto ao sonho de algo maior que a Pós. Por que Não um Mestrado diziam?

O moço tinha grandes e brilhantes idéias e enquanto não as botasse em prática, não sossegava.

Assim, cumprindo todas as exigências da CAPES e, de forma segura, estruturou e implementou o primeiro Mestrado Acadêmico em Sexologia em nosso país em 1993.

Aí é que a confusão maior teve início, primeiro o Jean havia nos deixado, e como se não bastasse, ao final de 1994, Araguari com seus 47 anos, também encheu o saco desse mundo e se foi. Nos deixaram sozinhos (Você e Eu), para tocar toda a loucura profissional na área, da qual eles eram os principais mentores. Quanto a mim pior ainda, fiquei sem meu grande companheiro de vida e, só restava um imenso vazio. Um horror, um sentimento indescritível, tudo muito rápido e muito louco, foi embora em um mês. Mas a tal de vida tinha que continuar, tínhamos 2 filhos que precisavam mais que nunca de mim e, o tal Mestrado, que era um bebê e exigia muitos cuidados. Nada podia esperar minha falta de vontade de tudo. Só que eu tinha uma mãe extremamente forte, batalhadora e durona, que verdadeiramente me empurrou prá fora e prá frente, mesmo que como uma máquina de deveres e afazeres, pois estes não faltavam. E assim lá fui eu...

Como contava com grandes amigos e excelentes companheiros de trabalho no Mestrado, nos unimos mais que nunca, em torno do sonho e demos continuidade ao trabalho.